

## RESENHA

*Hugues Costa de França Ribeiro*

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (org.). *Homossexualidade e Educação sexual: construindo o respeito à diversidade*. Londrina – PR: UEL, no prelo.

Mary Neide Damico Figueiró vem de longa data dedicando-se a formação de profissionais na área da educação sexual, na Universidade Estadual de Londrina -UEL. Nos últimos anos, tem publicado artigos e livros na área de educação sexual, fruto de suas experiências na condução de Grupos de Estudos de Educação Sexual (GEES). Mais recentemente, foi agraciada com recursos do Programa Brasil sem Homofobia, que subvenciona projetos para o combate a discriminação, aos preconceitos e a promoção da cidadania homossexual. Ao organizar esta publicação disponibiliza para educadores e outros profissionais na área da sexualidade, informações e reflexões que favorecerão lidar com a homossexualidade e a diversidade sexual com a atenção que merecem quando nos reportamos aos direitos humanos, inclusão social e democracia. Antecipei-me a publicação do livro pela UEL, ao ter acesso ao texto no segundo semestre de 2006, considerando importante chamar a atenção do seu conteúdo, em função da escassez de obras no Brasil que abordem esta questão, bem como pela maneira didática e clara com que torna disponível um espaço para reflexões de tema ainda envolto em preconceito e desinformação.

No Capítulo I “Diversidade Sexual: Reflexões Introdutórias” a autora vai esclarecer e situar a diversidade sexual na atualidade. Parte da afirmação geral de que nossa educação desde cedo nos faz internalizar que a heteronormatividade seria a única forma de duas pessoas se relacionarem afetiva e sexualmente. Entretanto, têm-se verificado que o desejo sexual não se manifesta de uma única maneira como aprendemos. Outras variantes podem ser encontradas, como por exemplo pessoas que sentem atração afetivo-sexual por pessoas do mesmo sexo ou de ambos os sexos.

Destaca que quando falamos em diferentes orientações sexuais estamos abordando um aspecto da diversidade sexual. Cita exemplos de diferentes formas de manifestação do desejo sexual, para a partir destes introduzir os conceitos de identidade de gênero e identidade sexual. Esclarece ainda que estas duas identidades, juntamente com a orientação sexual, integram, de maneira articulada, a identidade pessoal. Sinaliza que a questão da diversidade sexual será esclarecida através de depoimentos de educadores, de pessoas homossexuais e de pesquisadores de modo a que se possa compreendê-la e identificar formas mais positivas e humanizantes de se lidar com estas pessoas.

Em seguida segue-se o subtítulo “A Inserção da Universidade Estadual de Londrina no Programa Brasil sem Homofobia”. Neste tópico um breve relato de como a Universidade Estadual de Londrina –UEL passou a integrar um dos projetos financiados pelo Programa Brasil Sem Homofobia, a partir 2006, e cita dados de sua trajetória pessoal como orientadora, desde 1995, de Grupos de Estudos de Educação Sexual para educadores, profissionais da Educação, Saúde e Assistência Social para prepará-los em sua formação como educadores sexuais. Ainda neste subtítulo refere-se a seus primeiros contatos com a questão da homossexualidade e adverte que não é fácil compreender e aceitar a homossexualidade e a diversidade sexual, pelo desconforto que acompanha o tema e propõe questões aos leitores, de modo que possam refletir acerca de suas dificuldades pessoais em lidar com o assunto.

O Capítulo 2 intitulado “Diversidade Sexual: Subsídio Para a Compreensão e Mudança de Atitudes” inicia-se com o subtítulo “Histórias de Vida”. Neste a autora vai destacando questões importantes para se repensar a questão da homossexualidade, a partir de história de vida de pessoas homossexuais. Com base neste material questiona a visão da homossexualidade enquanto “opção”, destacando que a orientação homossexual não se trata de uma escolha propriamente dita, havendo apenas escolha no sentido de decidir viver o que se é; destaca que estudos demonstram que o sofrimento experimentado na vida de muitos homossexuais, não acontece em função da homossexualidade per si, mas sim pela forma com que o assunto é tratado pela sociedade, pela desinformação de pais, educadores e outros profissionais. Revisita o equívoco em se admitir que a escolha de brinquedos associados a um determinado gênero, contrário ao sexo biológico na infância, possa ser indicativa de futura orientação homossexual de forma generalizada.

Aproveita ainda para frisar que a homossexualidade ou a heterossexualidade não podem ser consolidadas na vida das pessoas a partir de fatores isolados, mas sim por um conjunto de fatores. Por último, destaca nas histórias de

vida de homossexuais desveladas, o despreparo de professores e religiosos diante da diversidade sexual. Coloca em relevo que através da educação sexual informal, podemos contribuir para perpetuar tabus, preconceitos e discriminações, destacando como podemos transmitir idéias negativas sobre o relacionamento afetivo-sexual de prostitutas, homossexuais masculinos e femininos e dos transgêneros ou contribuir para a promoção da cultura do reconhecimento da diversidade sexual. Sublinha o papel da escola na tarefa de educar sexualmente, já que é responsável pela formação integral do aluno, embora confirme a função primordial da família neste terreno. Estabelece como condições para que a educação sexual seja desenvolvida com êxito na escola ou em qualquer outra instituição: que se comece desde cedo no período da Educação Infantil e que se ofereça o “preparo” aos educadores tanto em sua formação inicial quanto em programas de educação continuada.

Nos subtítulo “Homossexualidade: Esclarecimentos Básicos” fornece informações científicas de modo a auxiliar os educadores e outros profissionais a lidarem e refletirem acerca de questões que ainda podem gerar dúvidas; descarta a possibilidade da homossexualidade enquanto “opção”, defende a utilização de “orientação” ao invés de “opção”; reafirma que a homossexualidade não é uma doença e reforça tal concepção através de pareceres de diferentes associações profissionais nos campos da Medicina, Psiquiatria e Psicologia; esclarece que a homossexualidade não é considerada crime pelo Código Penal Brasileiro e que os estudiosos preferem hoje usar a palavra homossexualidade ao invés de homossexualismo, já que o sufixo “ismo” pode dar a idéia de doença, como por exemplo no caso de alcoolismo e raquitismo. Prosseguindo refuta a idéia de que a pessoa nasce homossexual e defende a idéia de que a pessoa “se torna homossexual” devido a vários fatores. A ciência afirma que a homossexualidade é multideterminada e que a cultura, o relacionamento familiar e a história de vida de cada pessoa são fatores de peso, o mesmo se verifica com a heterossexualidade e a bissexualidade.

Advoga que o livro apóia-se na visão do construcionismo social acerca da concepção da homossexualidade em oposição à concepção essencialista. Defende ao invés da busca das causas da homossexualidade, que remete a visão de doença, que se assumam uma postura humanista de compreensão e respeito diante de nossos semelhantes, sem nos importarmos como se comportam em sua vida íntima.

Apresenta em seguida, segundo G. Sheely (1995, apud MÜLLER, 2000), os quatro momentos no processo de elaboração da orientação de uma pessoa homossexual identificando, aproximadamente, as idades em que costumam

ser experienciados: 1º) o sentir-se diferente; 2º) o conseguir entender em que consiste esta diferença; 3º) o reconhecer-se como sendo uma pessoa homossexual e 4º) o aceitar-se como sendo homossexual. Muitos homossexuais não atingem o estágio de aceitação pessoal. A autora destaca a importância do “assumir-se” como um dado fundamental para seu desenvolvimento psicológico e mental na fase adulta. Assumir-se é concebido como incorporando o conhecer-se, acolher seus sentimentos e amar a si próprio (MÜLLER, 200). Critica a associação que pode se fazer entre homossexualidade e comportamentos depravados, falta de caráter e personalidades perturbadas psicologicamente. Muitos homossexuais apresentam boa saúde mental, ajustamentos profissionais, sociais, pessoais e se consideram pessoas felizes.

Dando continuidade as informações consideradas importantes para se entender a questão da diversidade no universo homossexual masculino, apropria-se da classificação feita pelo Dr. Luiz Mott (do Grupo Gay da Bahia – GGB) – que me parece limitada para identificar os tipos de homossexuais masculinos, se é que podemos determinar com delimitação precisa tipos de homossexuais. Destaca outra forma de conceber de forma mais simples e concisa a diversidade sexual, que difere da proposta elaborada por Mott, que é apresentada por Edvaldo Souza Couto (1999) quando descreve cinco campos de denominações: homossexualidade, travestismo, transformismo, drag queen e transexualidade. A autora compara as duas classificações e apresenta a diferença entre ambas. Entretanto, destaca que não há consenso entre os teóricos na classificação da diversidade sexual, na definição das práticas sexuais e que elas não esgotam a possibilidade da existência de outras formas de exercício da sexualidade. Dá ênfase ao fato de que as classificações têm apenas finalidade didática e não devem ser tomadas como referencial para tratarmos as pessoas a partir de rótulos. Para complementar a questão da diversidade sexual descreve o tipo hermafrodita, além de apresentar as definições de homofobia e de heteronormatividade, sendo esta última a única forma aprovada e aceitável de relação afetivo-sexual entre as pessoas, concebida como um modelo superior em relação à homossexualidade.

Adiante apresenta trechos de publicações de diferentes autores, estudiosos da temática, que destacam vários tipos de conseqüências negativas sobre a vida de pessoas homossexuais geradas pelo preconceito, atitudes negativas de pais e educadores, pela intolerância e pela postura religiosa. Outro item abordado, e de grande interesse, são os tipos de atitudes diante da homossexualidade que podem ser manifestados pelas pessoas. Identifica diferentes tipos de atitudes diante da diversidade sexual: a pessoa que admite ser preconceituosa; a que diz que não tem preconceito mas respeita; a que diz que respeita

mas não aceita ou a que tolera, mas não aceita. Destaca ainda, diversos níveis de “relação pessoal” diante de questões polêmicas, que se aplica, perfeitamente, a homossexualidade. São elas: a atitude nazista; a atitude dogmática; a atitude preconceituosa; a atitude tolerante; a atitude respeitosa; a atitude aceitante e a atitude competente cultural. Apesar de apresentar esta classificação, de forma lúcida chama a atenção que esta divisão em níveis serve apenas para efeitos didáticos, já que pode haver superposição de atitudes, além de uma mesma pessoa poder apresentar atitudes variadas diante de uma questão, no decorrer de sua vida e em função de muitos fatores, esclarecendo sobre a dinâmica que envolve o processo.

Acrescenta ainda considerações acerca da conduta homossexual entre animais, com base na publicação de autoria de Bruce Bagemihl (1999), biólogo que durante dez anos pesquisou o comportamento sexual em animais (o cortejo, a afeição, a formação de casais, a criação de filhotes e o contato sexual). Bagemihl descarta por completo, entre outras descobertas, as conclusões feitas por outros estudiosos do assunto de que machos só se envolveriam em atividades sexuais com outros machos, quando não há fêmeas disponíveis. No entanto, a autora de forma adequada conclui que tais constatações podem ser tidas como interessantes, porém não podem ser utilizadas com a intenção de justificar o comportamento homossexual em humanos. Termina sua incursão pelo assunto com uma conclusão interessante proposta por Bagemihl, que acredita que o prazer pode ser a “causa” da homossexualidade, além de refutar a concepção da ciência tradicional de que animais não sintam o prazer sexual.

Para completar seu percurso na área da homossexualidade, já que a ênfase predominante até este ponto do livro dava destaque maior, a exemplos e histórias de vida que retratam a homossexualidade masculina, enfoca a questão do universo da homossexualidade feminina. Aponta estereótipos acerca das relações entre lésbicas, que são interpretadas como sendo “mal amadas” e chama a atenção para a forma caricatural que são representadas na mídia, quase sempre de maneira desqualificada. São, geralmente, apresentadas como infelizes, pois apesar da emoção que pode existir na relação, ainda persiste no imaginário popular a concepção de que a relação entre duas mulheres seria incompleta, pois há a ausência do “pênis”, pois o sexo só poderia ocorrer na junção pênis-vagina. Afirma que este tipo de atitude reflete uma concepção limitada do que seja a relação sexual, que envolve não apenas o coito, mas toque, gestos e movimentos realizados por corpos que se desejam. Chama a atenção que além das imagens caricaturais das mulheres lésbicas, frágil visibilidade e pouca consideração social que

lhes são dedicadas, destaca também o descaso com a saúde sexual reprodutiva de mulheres lésbicas e o preconceito de muitos ginecologistas, que passam a agir de forma discriminatória ou com surpresa diante da revelação da lesbianidade de uma paciente.

No penúltimo subtítulo do capítulo apresenta diversas falas de educadoras, coletadas durante os Grupos de Estudos sobre Educação Sexual (GEES) que aconteceram na UEL. Das falas extrai material que lhe permite realizar comentários e interpretações que podem ajudar a delinear as principais dificuldades e dúvidas verificadas entre educadoras para lidarem com a homossexualidade. Em relação às dúvidas dos educadores propõe reflexões ou oferece orientações por elas suscitadas.

Para finalizar o capítulo discorre sobre as abordagens que podem fundamentar os programas de educação sexual e o combate à homofobia (Médica, Pedagógica, Religiosa e Emancipatória). Defende a abordagem conceituada como Educação Sexual Emancipatória também conhecida como política, que permite perceber na educação sexual um compromisso na transformação social, propiciando discussões e reflexões sobre as relações de poder, criando condições para a aceitação das diferenças, respeito às diversidades, além da ênfase na preocupação com o bem-estar afetivo-sexual e com a felicidade das pessoas.

No III Capítulo intitulado “Diversidade Sexual: Elementos Para a Prática Profissional Educativa” e no IV “Múltiplos Olhares Sobre a Questão da Diversidade Sexual”, a autora reuniu textos de diversos profissionais, que têm se dedicado à atuação e a pesquisa em prol da diminuição dos preconceitos, e do combate à discriminação da homossexualidade e a diversidade sexual. Os textos abordam temas articulados que podem ajudar educadores e demais profissionais tanto a ampliar informações que possam favorecer sua atuação na área da educação sexual, quanto permitir reflexões acerca de questões diretamente relacionadas a diferentes contextos e perspectivas para a aceitação da homossexualidade e da diversidade sexual.